

Teorias não
essencialistas

Uma teoria é não essencialista se defende que o que faz com que um determinado objeto seja um objeto de arte, tenha de ser encontrado fora do objeto e não no objeto em si.

As teorias não essencialistas surgem num contexto social e filosófico específico

Social porque os artistas criam cada vez obras mais desafiadoras e desconcertantes, o que acabam por não “caber” dentro de teorias.

Filosófico porque novas tentativas de definir uma obra de arte por meio de condições necessárias e suficientes surge como reação às insuficiências das teses céticas.

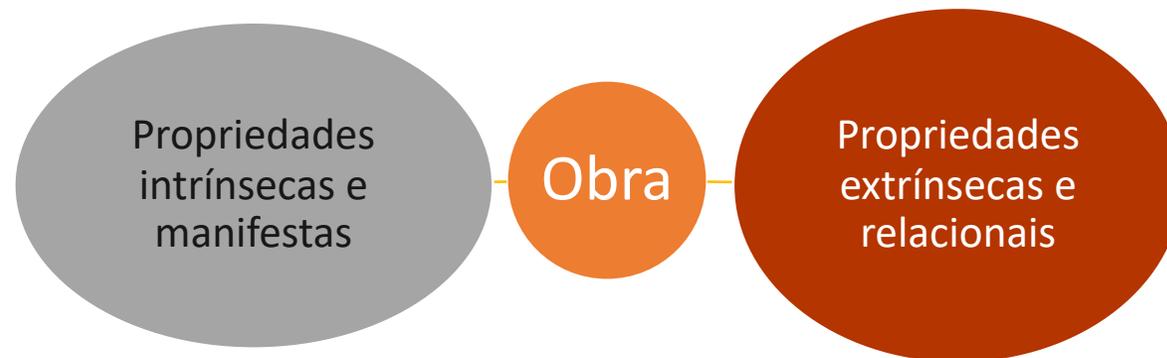
A arte e os desafios filosóficos



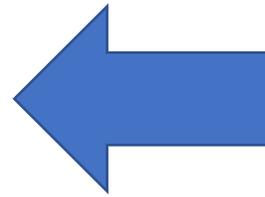
O filósofo Morriz Weitz (1916-1981) ficou conhecido por defender o antiessencialismo da arte, o que significa que qualquer teoria essencialista fracassou o seu propósito.



Para tal considera-se que:



Ora se as condições necessárias e suficientes não referem características essenciais da arte, o que elas podem referir?



**Que propriedades
essenciais possui esta obra
considerada de arte?**

1964, Caixa de Brillo, Andy Warhol

Ao contrário **dos essencialistas** que olham para as obras de arte de acordo com a função que a arte deve desempenhar (representar, expressar emoções ou despertar as emoções), **os não essencialistas** elaboram um conjunto de características das obras de arte que não estão apenas relacionadas com a sua funcionalidade, tais como:

Alargar o conhecimento **Expressar e explorar emoções**
Proporcionar boas experiências **Divertir e entreter**
Comunicar ideias **Criticar aspetos da sociedade** **Transformar o mundo**
Criar beleza **Dar sentido às nossas vidas** **Etc.**

Ou seja, uma obra de arte pode servir muitas e diferentes funções.

E essa definição para os não essencialistas tem de ser procurada fora da própria obra. Tem de ser procurada no seu **contexto** (fora da obra).

Além disso a definição não tem de ser valorativa (distinguindo as boas das más obras) mas talvez e apenas **classificativa** (distinguindo o que é e não é uma obra de arte, ou quando um objeto adquire o estatuto de arte)

Pergunta a fazer

Como é que um objeto adquire o estatuto de obra de arte?

ou

Qual o contexto específico que faz com que um objeto se revele arte?

Não
Essencialismo



Contextualismo

Uma conversa sobre arte

Mariana: Olha, não acho isso arte! Não gosto nada disso. Não passa de um objeto vulgar.

Joaquim: Sim, também não gosto, é até estranho que seja arte. Mas é!

Mariana: É porquê? Porque dizes que é?

Joaquim: Repara! Este objeto é arte porque estamos numa galeria de arte e as coisas que estão expostas numa galeria de arte são arte.

Mariana: Então aquele extintor que ali está ao canto também é uma obra de arte?

Joaquim: Não, aquele extintor está ali apenas para apagar incêndios.



Este pequeno diálogo de certa maneira expressa uma das duas teorias não essencialistas da arte que vamos analisar.

Quando o Joaquim refere que um objeto estando no mundo da arte (galeria) pode ser considerado arte, estamos a falar da **teoria institucional da arte**

Mas há uma outra teoria que tenta remendar as imperfeições da teoria institucional que é a **teoria histórica da arte**.



Uma teoria institucional da arte

**George Dickie , 1926,
defendeu que as
propriedades comuns das
obras de arte não são
visíveis nas próprias obras.
São invisíveis.**



Assim para que um objeto seja uma obra de arte tem de satisfazer duas condições necessárias:

Ser um artefacto

Pertencer ao mundo da arte

O artefacto mede-se pelo uso que damos ao objeto

“suponhamos que se recolhe um pedaço de madeira flutuante e, sem o alterar de forma alguma, o usamos para cavar um buraco ou abaná-lo perante um cão que nos ameaça. O pedaço de madeira inalterado foi convertido em ferramenta ou arma pelo uso que lhe foi dado. Em nenhum dos casos o pedaço de madeira é por si só um artefacto. O artefacto, nos dois casos, é o pedaço de madeira manipulado e usado de um certo modo”

G. Dickie, Introdução à estética, Bizâncio, 2008 (adaptado)

Atribuir um estatuto é pertencer ao mundo da arte

“O núcleo fundamental do mundo da arte é um conjunto vagamente organizado, mas nem por isso desligado, de pessoas, que inclui artistas (pintores, escritores, compositores), produtores, diretores de museus, visitantes de museus, espetadores de teatro, jornalistas, críticos de todos os tipos de publicações, historiadores da arte, teóricos da arte, filósofos da arte e outros. São estas as pessoas que mantêm em funcionamento o mecanismo do mundo da arte, permitindo assim a continuidade da sua existência.”

G. Dickie, O que é a arte?, In Carmo D`Orey, O que é a arte?, Dinalivro, 2007, pp.106,07

4 condições para pertencer ao mundo da arte

1ª Agir em nome de uma instituição

2ª Atribuir um estatuto

3ª Ser Candidato

4ª A avaliação

E então? O extintor na galeria de arte é
uma obra de arte ou não?

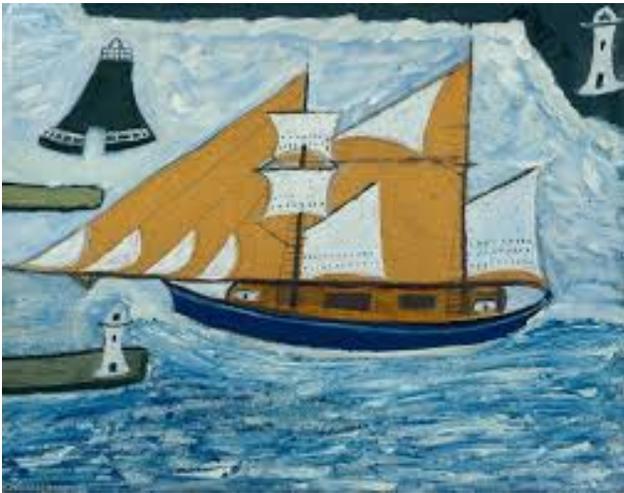
E A fonte de Marcel Duchamp?



Será que a teoria institucional funciona bem
e é uma boa teoria?

Será que uma boa obra de arte precisa da
aprovação do mundo da arte?

Vamos conhecer Alfred Wallis (a questão da arte adventícia)



Segundo a teoria institucional será que as pinturas de Alfred Wallis reúnem as condições necessárias e suficientes para serem consideradas obras de arte?

Outra questão

Como é que as pessoas do mundo da arte sabem avaliar um objeto para que ele entre no mundo da arte? Que critérios usaram para aceitar um objeto no mundo da arte?



Parece faltar um elemento qualquer à teoria institucional que um outro filósofo procura resolver.



**Jerrold Levinson e a
teoria da arte como
renovação da tradição
histórica.**

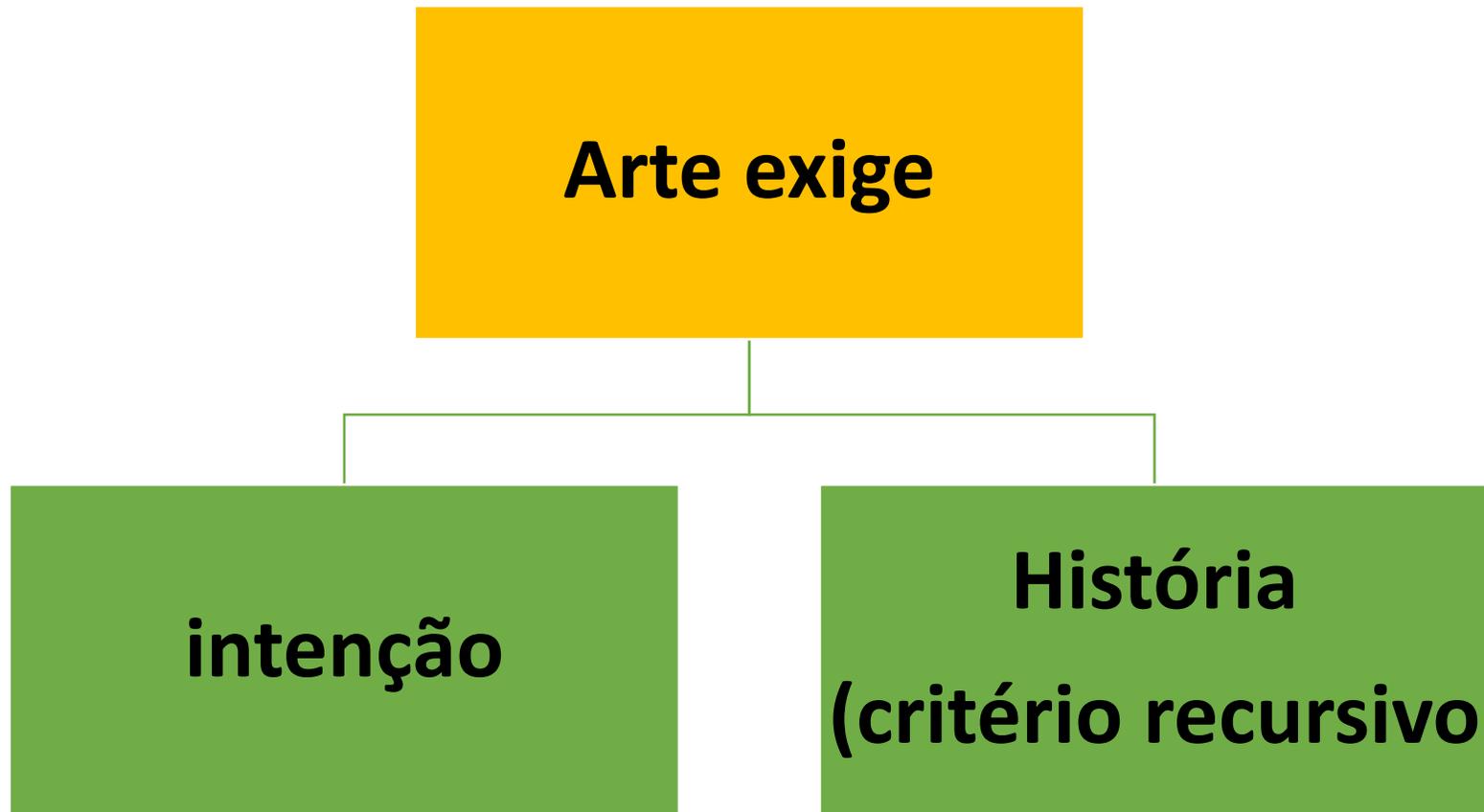
Em resposta à teoria institucional Jerrold Levingson procurou desenvolver uma teoria da arte que possibilitasse **a existência de arte solitária**, arte fora do contexto institucional do mundo da arte.

“De acordo com Levinson, o que conta não é, como na teoria institucional, o ato de alguém propor um objeto para apreciação em nome de uma suposta instituição, mas antes a intenção de um indivíduo independente – isto é, que não pensa ou decide em nome de ninguém -, o próprio titular ou criador do objeto. Assim, em vez de um ato manifesto, há uma intenção manifesta; e em vez de alguém que age em nome de uma entidade misteriosa, há o autor da obra que procede de forma independente.”

Aires Almeida, *A definição da arte, o essencial*, Plátano, 2019

Mas que intenção é esta?

Já temos aqui dois elementos:



Então isso implica que a definição da arte terá de passar por estes dois elementos. X é um objeto de arte se o artista tem a intenção de que o seu produto de arte seja inserido numa dada tradição e tem essa intenção.

Se existe a intenção que uma obra seja encarada como arte, então ela é arte.

Mas há um 3º elemento na definição

Vamos imaginar que alguém ao olhar para uma cidade refere: esta é a minha obra que resulta do modo como eu olho a cidade.

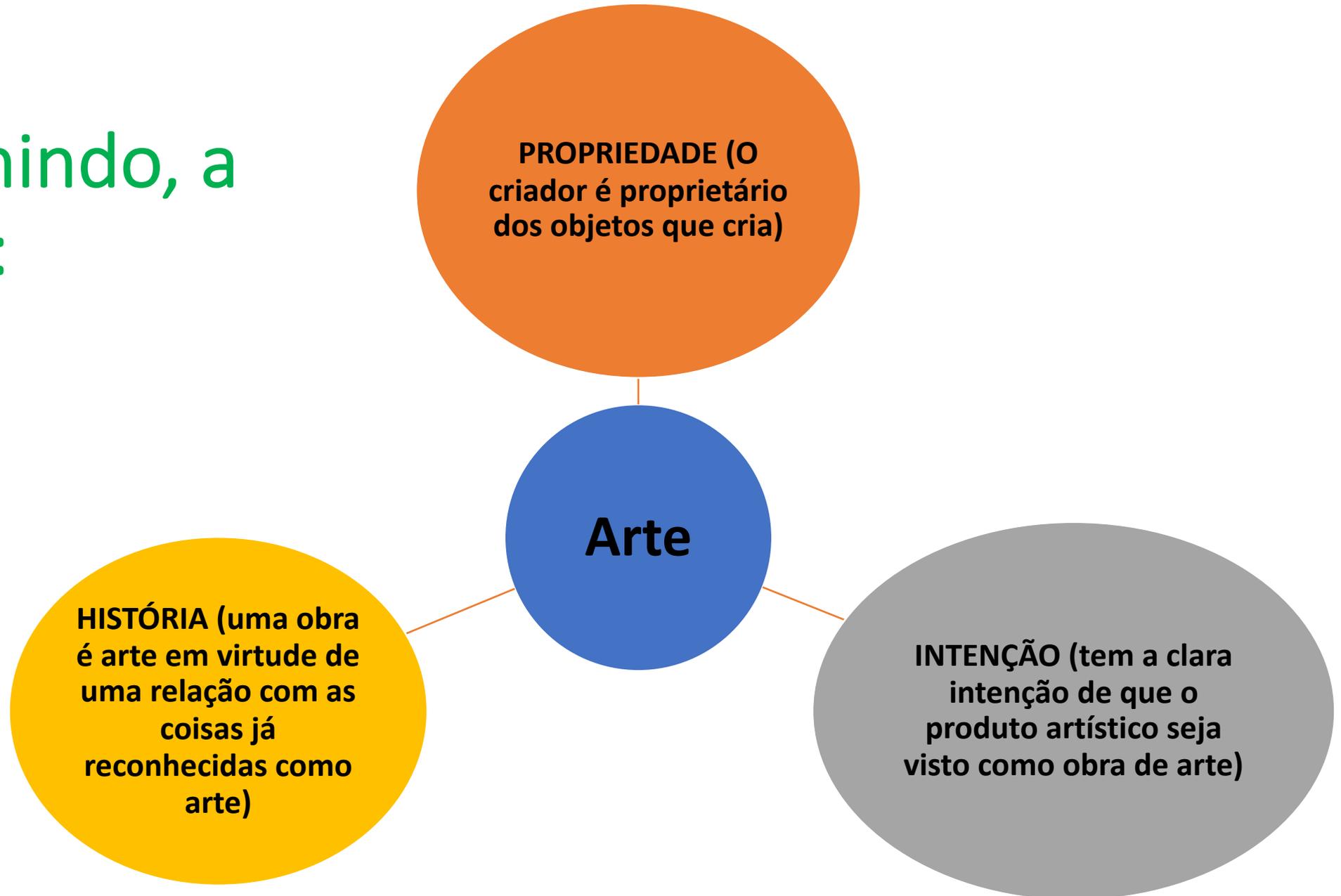
Então Levinson fala em **PROPRIEDADE**



Assim, vamos apurar a definição:

Um objeto é um objeto de arte se e somente se uma pessoa, com direitos de propriedade sobre o seu objeto, tem a intenção séria de que tal seja encarado como arte como outros objetos foram ao longo da história da arte.

Resumindo, a arte é:



Serão as propriedades estabelecidas na teoria histórica os adequados para uma definição de arte que reúna em si tanto as condições necessárias como as suficientes para uma boa definição?

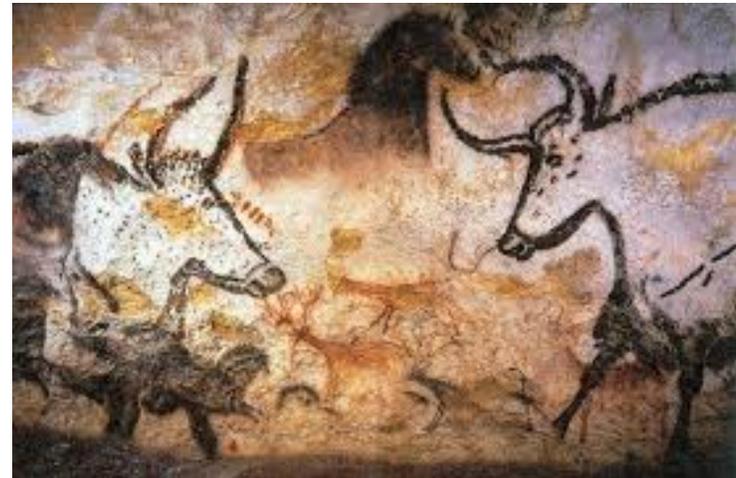
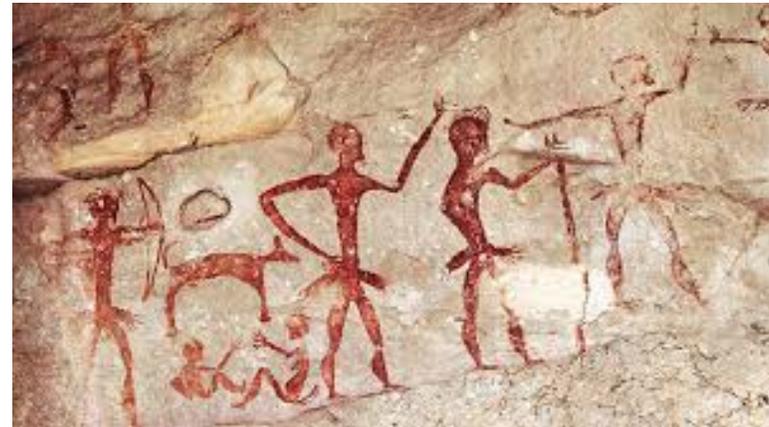
Como é que um marciano olharia para estes objetos?



Objecção à “Propriedade” como condição necessária para uma boa definição



Objecção à tradição histórica (ao critério recursivo)



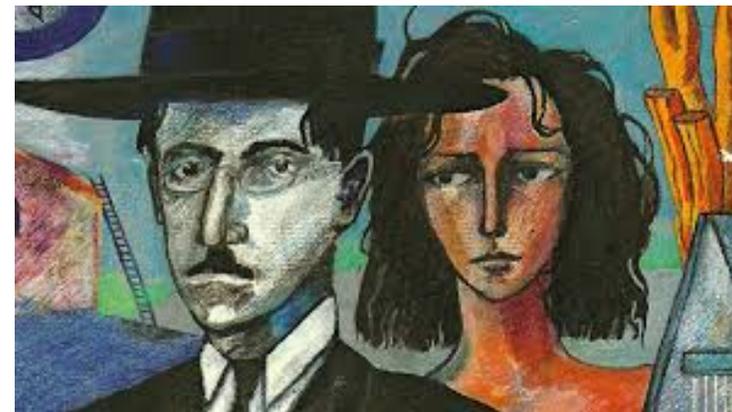
Objeção à intencionalidade

O caso Franz Kafka



Excesso de inclusividade

O caso dos retratos e fotos tipo passe





CHRISTIAN MACLAY



PINA BAUSH

Para pensar



“O artista belga Francis Alys escolheu mandar um pavão vivo para a Bienal de Veneza em vez de comparecer pessoalmente. A atividade do pavão é apresentada como uma obra de arte intitulada O Embaixador. Os galeristas britânicos do artista forneceram um comentário útil sobre o significado desta obra de arte: *A ave irá pavonear-se em todas as exposições e festas como se fosse o próprio artista. É burlesca, insinuando a vaidade do mundo da arte e remetendo para velhas fábulas com animais.*”

Nigel Warburton, *O que é a arte?*, Bizâncio, 2007

Betsy

*Para
pensar*



Exemplos de questões que poderiam sair em
exame (escolha múltipla)

Uma definição essencialista da arte significa que:

- A. A arte se define pelas suas propriedades extrínsecas.
- B. A arte não se define pela sua essência.
- C. A arte define-se pelas suas propriedades intrínsecas.
- D. A arte define-se subjetivamente.



A teoria expressivista da arte defende que:

A. Um objeto é um objeto de arte se e somente a expressão de sentimentos que são captados pelo público.

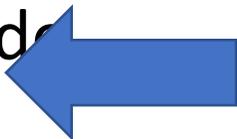


B. Um objeto é um objeto de arte se e somente se é a expressão do contexto onde a obra se insere.

C. Um objeto é um objeto de arte se e somente se exprime as ideias do artista e essas ideias são captadas pelo público.

D. Um objeto é um objeto de arte se e somente se exprime a vontade moral do artista e essa vontade é compreendida pelo público.

Uma das objeções que pode ser feita à teoria da representação é que:

- A. A representação não capta os sentimentos do artista.
- B. É demasiado restritiva pois há obras de arte sem qualquer conteúdo representacional. 
- C. É demasiado restritiva uma vez que a arte não é apenas a expressão de sentimentos.
- D. É bastante ampla pois qualquer objeto que emocione é arte.